



Bento Gonçalves da Cruz nasceu a 22 de Fevereiro de 1925 na aldeia de Peireses, freguesia de S. Vicente da Chã, concelho de Montalegre, filho de pequenos proprietários rurais, Manuel Gonçalves da Cruz (conhecido por Manuel Marinheiro) e Maria Alves, que tiveram ainda outros sete filhos.

A 16 de Outubro de 1940, concluídos os primeiros estudos, ingressou na Escola Claustal de Singeverga, dirigida por monges beneditinos, disposto a seguir a vida religiosa. Aí concluiu com distinção o antigo Curso dos Seminários e foi director literário das revistas estudantis O Colégio e Claustrália.

Entrou no noviciado em 1945. Porém, terminado este, decidiu abandonar a ordem em 1946, curiosamente também no dia 16 de Outubro. Dois anos depois matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Concluída a formatura, abriu consultório de clínica geral em Souselas, no concelho de Coimbra, em 1955.

Pouco depois, em 1956, estabeleceu-se no Barroso, praticando clínica geral e estomatologia, até que em 1971 se fixa no Porto, onde ainda se mantém.

Tendo-se embora estreado com um livro de poesia (Hemoptise, de 1959, sob o pseudónimo de Sabiel Truta), Bento da Cruz depressa passa a dedicar-se a outros géneros literários, com especial realce para a ficção (conto, novela e romance). É certamente o mais prolífico romancista trasmontano de temática





rural, tendo publicado os seguintes romances: Planalto em chamas, 1963; Ao longo da fronteira, 1964; Filhas de Loth, 1967; Planalto de Gostofrio, 1973; O lobo guerrilheiro, 1991; O retábulo das virgens loucas, 1996; e A loba, 1999. Publicou também uma novela, A lenda de Hiran e Belkiss, de 2005, que de algum modo se encontra desenquadrada do resto da sua obra de ficção, uma vez que se trata de uma narrativa de tema e sabor bíblicos.

Quanto à modalidade do conto, também debruçado sobre a ruralidade, publicou até ao momento os títulos Contos de Gostofrio e Lamalonga, 1973, e Histórias de lana- -caprina, 1998. Publicou ainda um volume de historietas da tradição oral, Histórias da Vermelhinha, de 1991, a que, em vez de contos, prefere chamar “memória oral”.

Fora do âmbito da ficção, embora por vezes se aproxime dela, publicou ainda uma biografia, Victor Branco, escritor barrosão – Vida e obra, de 1995, e um estudo de história, Guerrilheiros antifranquistas em Trás-os-Montes, de 2003.

Bento da Cruz é autor de uma obra vasta, quase integralmente dedicada a temas e personagens da sua região natal, o Barroso (a exceção é o já citado A lenda de Hiran e Belkiss). É curioso notar que a palavra “planalto” entra em dois dos seus títulos. Um topónimo barrosão, Lamalonga, aparece uma vez. Gostofrio, que surge em dois títulos, parece decalcado sobre Bustofrio, topónimo do concelho de Boticas. Tudo isto é sinal de apego ao Barroso. De facto, poucos autores têm produzido uma obra tão coerente e consistentemente amarrada à realidade rústica que envolveu a sua infância e a que o escritor continua a sentir-se preso e a visitar regularmente. Numa entrevista recente, Bento da Cruz diz: “Vou indicar-lhe as ‘extremas’ da leira da minha ficção. É um planalto, ou meseta, assente em quatro serras principais e respectivos contrafortes: Larouco a norte, Alturas a nascente, Cabreira a sul e Gerês ao sol-posto.”

Na sua ficção, filiada (embora sem subserviência, antes plenamente emancipada) num certo neo-realismo de matriz rural, Bento da Cruz valoriza elementos, linguísticos e outros, de uma etnografia riquíssima, sem nunca cair nas tentações do folclórico. De notar na sua obra a recorrência dos temas das pulsões instintivas e da sensualidade feminina.





É importante notar que foram vários os títulos de sua autoria que conheceram mais que uma edição: Filhas de Loth (quatro edições); Contos de Gostofrio e Lamalonga (duas edições); Planalto de Gostofrio (duas edições); O lobo guerrilheiro (duas edições e uma tradução galega); Histórias de lana-caprina (duas edições); e A loba (três edições).

É igualmente significativo que a Editorial Notícias tenha criado uma colecção intitulada “Obras de Bento da Cruz”. E mais significativo ainda o facto de este escritor ter ganho diversos prémios importantes, como o Prémio “Fialho de Almeida” da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos (Contos de Gostofrio e Lamalonga); o Prémio Literário “Diário de Notícias” 1991 (O lobo guerrilheiro); o Prémio de Ficção da Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos (idem); o Prémio Literário de Investigação da Câmara Municipal de Montalegre (Victor Branco, escritor barrosão – Vida e obra); o Prémio Literário (Ficção) da Câmara Municipal de Montalegre (O retábulo das virgens loucas); e o Prémio Eixo Atlântico de Narrativa Galega e Portuguesa 1999 (A loba).

Encontra-se representado em inúmeras antologias e obras colectivas. É director do quinzenário regionalista Correio do Planalto, que ele próprio fundou logo após o 25 de Abril.

\* \* \*

Não sabemos se devemos dizer que nos últimos 20 ou 25 anos Bento da Cruz visita regularmente Vila Real ou se é Vila Real que visita regularmente Bento da Cruz. Certo é que a sua condição de escritor, estudioso e conferencista o tem trazido a Vila Real sempre que se proporciona um pretexto para isso (feiras do livro, seminários, encontros de escritores, etc). Óptimo comunicador, bem informado, generoso, aceitou convites para participar com comunicações nas Jornadas Camilianas (edições de 1984 e 1987) e nos Encontros ‘Saber Trás-os-Montes’ (edições de 1996, 1997, 2001 e 2006). Aceitou também integrar a antologia A caça na literatura trasmontana, saída por ocasião deste último encontro.





Mais raras são – talvez por não serem explícitas – as referências a Vila Real na sua obra. O livro (em português e galego, e traduzido para castelhano e inglês) Eixo Atlântico – Um mundo a descobrir (Nova Galicia Edicións, S. L., 2004), inclui o seu texto “O Texas” (referindo-se ao comboio a vapor que circulava na Linha do Vale do Corgo). Nesse texto, conta como vem a Vila Real, na sequência de recordações de infância suas e de seu filho. Aqui passa por pontos bem conhecidos: Pastelaria Gomes, Avenida Carvalho Araújo, Pelourinho, Igreja de São Pedro, Casa dos Brocas (onde evoca naturalmente Camilo Castelo Branco), Restaurante Espadeiro (onde saboreia umas tripas aos molhos), Casa de Mateus, Santuário de Panóias, Ponte Metálica e escarpas do Rio Corgo. Lembra ainda o artesanato de Bisalhães e Agarez.

Na obra Victor Branco, escritor barrosão – Vida e obra, numa recolha de escritos da personagem biografada (notário, advogado, político e escritor barrosão), selecciona duas saborosas crónicas políticas publicadas na revista de Montalegre O Pelourinho, 2ª série, números 1 e 2, de 18 de Agosto e 8 de Setembro, respectivamente, cujo tema é a deslocação de algumas pessoas daquela vila do Barroso às Pedras Salgadas para cumprimentarem o Conselheiro António de Azevedo Castelo Branco, sobrinho de Camilo e influente político da época – e que, para nós, vila-realenses, é também uma figura grata como fundador e propagandista de uma “escola” a que chamamos “garotos de Vila Real”.

